



Atividades Agrícolas dos Imigrantes Italianos e seus Descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul/Brasil

Janaíne Trombini ¹
Luís Fernando da Silva Laroque ²

RESUMO:

Os imigrantes italianos que chegaram a partir das últimas décadas do século XIX no RS estabeleceram-se na encosta superior do planalto, precisamente entre os vales dos Rios Caí e das Antas, e dedicaram-se às atividades agropecuárias. Após esta ocupação avançaram sobre novas terras e a partir do final da década de 1880, atingiram áreas que posteriormente passaram a denominar-se Vale do Taquari. O objetivo do estudo consiste em analisar as atividades agrícolas dos imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari e as relações com o ambiente. A metodologia da pesquisa é qualitativa e os procedimentos metodológicos consistem na pesquisa bibliográfica e documental, pesquisa de campo com elaboração de diários e entrevistas com descendentes de italianos. Constatou-se que as práticas envolvendo atividades agrícolas, tais como cultivo do milho, trigo, uva, feijão e a criação de animais como gado, porcos e galinhas em áreas da Microrregião Oestes pelos imigrantes italianos e seus descendentes acarretaram significativos impactos ambientais.

Palavras-chave: Atividades Agrícolas; Descendentes de Italianos; Vale do Taquari.

¹ Doutorado em andamento em Ambiente e Desenvolvimento pelo Centro Universitário Univates, UNIVATES, Brasil. janainet@universo.univates.br

² Doutorado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil. Docente na Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES, Brasil. lflaroque@univates.br

O contexto migratório italiano, segundo Giron & Herédia (2007) está relacionado às transformações sociais, políticas e econômicas recorrentes ao mundo capitalista que fizeram com que muitos italianos migrassem para a América em busca de uma vida melhor, chegando ao Brasil nas últimas décadas do século XIX. Na Europa, dentre os vários fatores responsáveis para imigração italiana ao Brasil, segundo Manfroi (2001), pode-se apontar, por exemplo, o difícil acesso à terra, pois os nobres proprietários raramente se desfaziam do que possuíam. Aconteciam também conflitos internos como depressão econômica, fatores relacionados à Revolução Industrial, o processo da unificação do Estado Nacional Italiano 1850-1860 e os altos impostos cobrados dos camponeses.

Conforme Giron & Herédia (2007) os italianos chegaram após 1870 em áreas da porção nordeste do território do Rio Grande do Sul, local de mata, recebendo auxílio governamental, como alimentação, sementes e instrumentos agrícolas que juntos seriam pagos com as terras adquiridas. O imigrante italiano veio em busca de terras para cultivo, mas ao chegar ao Brasil se depara com outra situação. Neste sentido temos:

Este sonho ficou desfeito com as regiões montanhosas confiadas aos imigrantes da península itálica. As grandes plantações sonhadas, tiveram que reduzir-se a pequenos cultivos, nas encostas das montanhas. Com muito esforço e com o correr do tempo o agricultor, desprovido, conseguiu dominar, parcialmente, a inclemência do solo. As dificuldades no cultivo da terra fizeram com que o italiano perseguisse, preferencialmente, as culturas perenes, organizando, por exemplo, parreirais, características de sua cultura (Costa 1986, p.23).

Conforme Manfroi (2001), o ambiente onde os imigrantes italianos estavam inseridos representava mais do que um local para viver e trabalhar, era também uma manifestação de liberdade e ascensão social. A propaganda de terras a colonizar no Brasil alimentou esperança e sonhos do imigrante promissor de se tornar um proprietário de terra, conseqüentemente dominar a natureza e, portanto “fazer-se na América”.

Destarte, o meio ambiente ocupado pelos imigrantes italianos passou a ser visto como um espaço de representação e ocupação cultural entre homem e ambiente. Segundo Holzer (1997), o termo “meio ambiente” é amplo e considera o físico e os objetos que o identificam. Portanto, o homem também é constituinte do mesmo, bem como o papel que tem em relação a perceber, compreender e sentir o espaço. A expressão meio ambiente é um ecossistema que engloba, tanto o homem como os demais seres vivos (Holzer 1997). Corroborando com este conceito Coimbra (2002, p.11) define como ambiente “tudo aquilo que vai à nossa volta. A etimologia, ao esclarecer a origem da palavra, confirma as pequenas situações do cotidiano. E mais: faz-os descobrir a maravilhosa correlação que existe entre cada um de nós e tudo o que o cerca”.

Janaíne Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

Inicialmente, a relação dos italianos com o ambiente é pautada pela devastação envolvendo o corte e derrubada das áreas tendo em vista a plantação e os cultivos. O sistema introduzido nas colônias era o da derrubada e queimada da mata, adotando-se depois o rodízio dos cultivos de tal modo que uma parte da propriedade sempre descansasse, recobrando-se de capoeira que, posteriormente, seria cortada e queimada. Essa técnica trazida da Europa correspondia à experiência envolvendo o cultivo de produtos pelos italianos, tais como trigo, vinho e milho (De Boni & Costa 1982).

Segundo Bublitz (2004), mesmo que à época da imigração grandes florestas já não existissem mais na península itálica, os imigrantes italianos trouxeram consigo técnicas de exploração de madeira. Posteriormente, tais técnicas foram difundidas no desenvolvimento de indústrias do setor moveleiro, tanto no Rio Grande do Sul como no Vale do Taquari.

Sendo assim, pouco se sabe sobre os primeiros impactos gerados pelos imigrantes italianos em relação ao ambiente que estavam inseridos. A preocupação global com o meio ambiente e suas degradações surgiram somente no século XX, pois segundo Pádua (2010, p.2-4) “As observações empíricas das consequências de uma ação humana devastadora, seja na Europa, seja no mundo de expansão colonial, começaram a produzir denúncias contra o desflorestamento, a erosão dos solos, a sedimentação dos rios”, situação essa que no Rio Grande do Sul retrocede ao século XIX, como é caso da devastação florestal envolvendo os imigrantes italianos e seus descendentes.

Dentre as alterações ambientais provocadas pela imigração italiana e seus descendentes aponta-se atividades envolvendo a agricultura, o comércio e a indústria, especialmente por meio da vinicultura, triticultura e das serrarias, práticas que remodelaram a paisagem Provincial. A vinicultura e a triticultura são elementos por excelência do Catolicismo. A escolha pelas lavouras de trigo e pelas videiras não se deu por acaso: tratou-se da atribuição de um caráter simbólico a paisagem local. O trigo é o ingrediente básico para o pão, e a uva é a fruta que origina o vinho. Pão e vinho, por sua vez, são essenciais às cerimônias religiosas cristãs (Bublitz 2004).

Estabelecidos em colônias na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, tais como Isabel, Caxias e Conde d'Eu, os imigrantes italianos e posteriormente também seus descendentes, passaram a ver a terra como seu principal meio de subsistência. Conforme Basttistel & Costa (1983), retiram dela o alimento, roupas e remédios caseiros para as diferentes enfermidades. Criou-se em solo brasileiro uma nova experiência gastronômica contando com alimentos silvestres, tais como o pinhão, a pitanga e a jabuticaba.

Janaíne Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

Na antiga colônia Caxias, os gêneros agrícolas eram bastante diversificados, marcados pelo cultivo da uva, trigo, milho, feijão, linho, cevada, lúpulo, hortaliças, frutas, noqueiras, centeio, batatas e oliveiras. As colônias de Dona Isabel e Conde D'Eu tinham produtos agrícolas como vinho, milho, trigo, aveia, feijão, cevada, arroz e fumo. A criação de animais não foi uma atividade predominante, apesar do gado ser um elemento importante de transporte nas colônias (Giron & Herédia 2007).

A variedade dos gêneros alimentícios e atividades eram direcionadas para garantia da permanência no meio rural e com os ganhos ampliava os investimentos da produção. Em vista disto no decorrer do século XX, as pequenas propriedades coloniais voltavam-se ainda mais para a lavoura e a criação, gerando excedentes para o abastecimento do mercado interno e complementaram a economia nacional (Ahlert & Gedoz 2001).

Tratando-se do Vale do Taquari, nas últimas décadas do século XIX, teve início a colonização italiana, completando o processo de formação étnico-cultural da região, que por sua vez, possuía uma composição bastante diversificada do ponto de vista étnico. A região que tradicionalmente tratava-se de território indígena Guarani e Kaingang, passou a ser colonizada por portugueses que trouxeram os negros, seguiram-se os imigrantes açorianos em fins do século XVIII, os imigrantes alemães a partir de meados do século XIX e nas últimas décadas do século XIX, conforme referido, tem-se a presença dos imigrantes italianos (Trombini 2016).

Durante os anos de 1891 a 1914 as terras no Vale do Taquari eram adquiridas por meio da compra intermediada por companhias colonizadoras, tais como a Klenze e Cia, Bastos & Companhia, Batista Fialho & Cia, Cia Colonizadora Rio-Grandense e Internationale Bergban and Industriegesellschaft (Registro de Imóveis de Lajeado, Transcrições de Imóveis, 1896- 1914). Ilustra a questão o seguinte documento:

24/03/1898 - Quatro colônias de terras: três, quatro, cinco e seis, sitas entre o "Arroio Forqueta" e "Fão". Contém, todas, 400 mil braços quadrados, confrontando pelo leste com o Arroio "Forqueta", pelo Oeste com terras de Mathias Feil e dos transmitentes, pelo sul com o Arroio "Fão" e pelo norte com terras de José Martins da Cunha e das terras da Forqueta. Adquirinte: Hernesto Henrique Guilherme Widholder (Porto Alegre) Transmitente: Klenze e Cia (Porto Alegre) (Registro de Imóveis de Lajeado, Transcrição de Imóveis – nº 03 (1894), 24/03/1898, p. 119).

As áreas destinadas para ocupação dos imigrantes italianos localizam-se na porção mais ao norte do território do Vale do Taquari, principalmente nas encostas e "região alta" (Manfroi 2001). Portanto, é em parte deste espaço que se localiza a Microrregião Oeste do Vale do Taquari. Salienta-se também que entrecortando as áreas colonizadas no Vale do Taquari temos os Rios Fão e Forqueta, os quais são afluentes da Bacia Taquari-Antas. Neste cenário, o presente estudo objetiva analisar as

atividades agrícolas dos imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari e as suas relações com o ambiente.

MÉTODO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é de cunho qualitativo, na medida em que a revisão bibliográfica aponta alguns indícios a respeito das formas de atividades agrícolas e relações com o meio ambiente dos primeiros imigrantes italianos e ainda as entrevistas realizadas com alguns dos descendentes, neste caso produtores rurais que se encontram pela região. Os procedimentos metodológicos consistiram em revisão bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo com produtores rurais descendentes de italianos na Microrregião Oeste do Vale do Taquari, com os quais utilizou-se a elaboração de diários por meio de procedimentos etnográficos e a realização de entrevistas, tendo como base um roteiro de questões semiestruturadas (Lakatos & Marconi 1996).

Cabe ainda destacar que, no Brasil até os anos 1990, os termos pequeno produtor ou ainda produtor de subsistência eram utilizados para caracterizar os agricultores familiares. Contudo, depois de lutas de movimentos ligados às ruralidades, conforme Cheung (2013), tais termos foram substituídos pelo uso da agricultura familiar. Posteriormente o termo ainda passa por um processo de mutação, no tocante a pluriatividade destes produtores, pois estes, para sobreviver, produzem mais de uma especialidade em suas propriedades (Iica 2002).

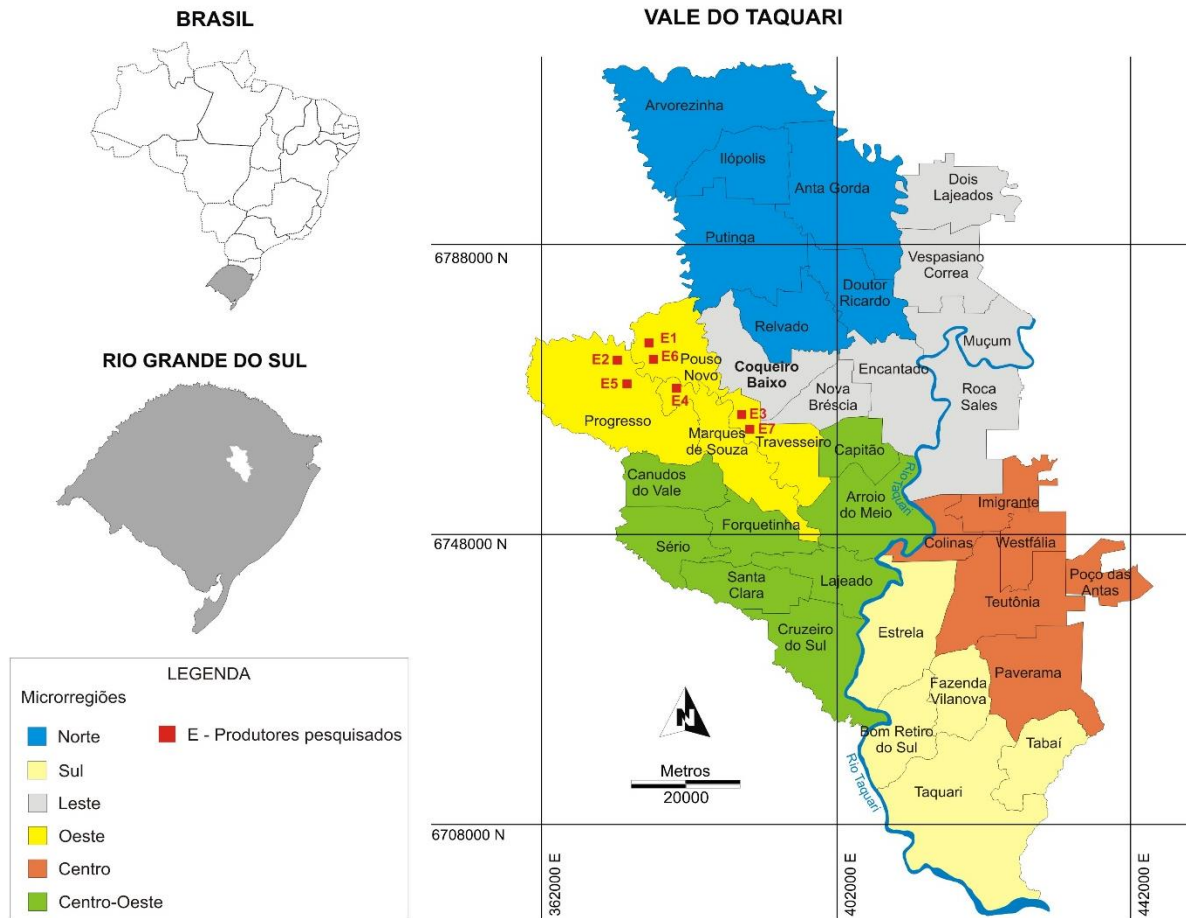
A Microrregião Oeste do Vale do Taquari, *locus* da pesquisa, está composta pelos municípios de Travesseiro, Pouso Novo, Progresso e Marques de Souza, conforme mapa (Figura 1). A Região Vale do Taquari, do ponto de vista político e administrativo, localiza-se na porção territorial centro leste do Rio Grande do Sul, estando formado por 36 municípios, que totalizam uma área de 4.821,1 Km². Este vale encontra-se dividido em seis microrregiões – Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro e Centro-Oeste - as quais apresentam especificidades econômica e sociocultural, existindo desde propriedades rurais voltadas ao setor primário até áreas urbanizadas e industrializadas.

A amostragem da pesquisa esteve composta por sete produtores rurais. Como utilizou-se o método da história oral, os interlocutores assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e visando resguardar sua identidade, serão identificados por E1, E2, E3, E4, E5, E6 e E7. Tanto na aplicação como na gravação das entrevistas seguiu-se a metodologia da História Oral, além de diários de campo para o registro das conversas e impressões sobre os interlocutores em questão. Conforme Thompson (1992), a História Oral pode dar grande contribuição para a revitalização da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em

Janaíne Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

diferentes aspectos como é o caso desta investigação que trata das atividades agrícolas e impactos que imigrantes e descendentes de italianos acarretaram na Microrregião Oeste do Vale do Taquari. Os dados bibliográficos, documentais, etnográficos e orais foram analisados tomando como base estudos de Costa (1986), Worster (1991), Holzer (1997), Coimbra (2002), Bublitz (2004), Eagleton (2005), Giron & Herédia (2007) e Pádua (2010).

Figura 1. Mapa das Microrregiões do Vale do Taquari.



Fonte: Trombini J, Kreutz M 2015. Mapa com a localização das Microrregiões do Vale do Taquari. Adaptação a partir do mapa do acervo do Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari. Lajeado. Univates.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro sistema agrário colonial em áreas da atual região Vale do Taquari deu-se no final do século XIX, quando muitas das áreas de florestas nativas foram derrubadas e queimadas, cedendo lugar para a implantação de videiras e poteiros. O sistema agrário caracterizava-se por dois tipos de atividades: um nas encostas dos morros e o outro dos morros até as várzeas. Nestes espaços eram

Janaíne Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

cultivados milho, feijão, aipim, abóbora, batata-doce, arroz, trigo, centeio, além de aveia e azevém para o pasto (Beroldt et al. 2007).

Os principais produtos comercializados na primeira década do século XX no Vale do Taquari (Tabela 1), conforme registros encontrados no Arquivo Público de Lajeado, eram:

Tabela 1. Mapa de alguns produtos coloniais exportados pelos principais portos do município: Lajeado, S. Gabriel, Arroio do Meio e Encantado.

NÚMERO DE KGS DE	ANOS				TOTAL
	1908	1909	1910	1911 (1º SEMESTRE)	
Milho	4.183.360	4.468.500	4.898.160	1.561.820	15.121.640kg
Banha	673.254	798.585	850.903	507.690	2.830.462 #
Feijão	1.791.840	1.916.000	2.081.920	1.084.140	6.873.900 #
Erva	413.895	392.700	407.160	171.820	1.385.575 #
Batatas	300.500	178.200	202.900	161.500	843.100 #
Fumo	150.090	132.525	65.498	31.620	379.733 #
Favas	218.185	124.740	89.423	121.460	554.015 #
Farinha	210.150	262.860	214.575	59.995	747.580 #

Fonte: Arquivo Histórico de Lajeado 1911, p.36.

O milho era o produto que toma destaque no Vale do Taquari, conforme observa-se na Tabela 1. Sua utilização voltava-se para a alimentação dos animais como o gado, porcos e galinhas, e comercializado em municípios da região como, Lajeado, Cruzeiro do Sul, Arroio do Meio e Encantado. Foram também cultivados gêneros para o consumo familiar, como a uva e o feijão. Outros produtos como o trigo e a soja, faziam parte do cotidiano das famílias no Vale do Taquari e dos italianos, mas na atualidade não são mais produzidos ativamente como no início do século XX. Porém estes gêneros, bem como sua forma de produção, estão presentes na memória das famílias entrevistadas.

Até meados da década de 1980 os municípios que compreendem os territórios da Microrregião Oeste do Vale do Taquari, pertenciam ao município de Lajeado. Os produtores rurais descendentes de imigrantes italianos continuaram a manter relações com o ambiente no que diz respeito à ocupação territorial para os cultivos. Assim como na região nordeste do Rio Grande do Sul de onde vinham seus antepassados, o milho e o trigo foram os primeiros gêneros a serem cultivados neste ambiente (Diários de campo 23/03, 30/04, 19 e 26/05).

O milho era utilizado para a polenta e também para alimentação de animais, como os suínos. Com o passar do tempo, além do milho, novos cultivos foram introduzidos como o centeio, a cevada, o feijão, a batata-doce, a cana de açúcar e a mandioca. Esses produtos foram os primeiros a serem plantados e consumidos pelos imigrantes italianos, com destaque para o fato de que o arroz plantava-se no verão e a do trigo cultivava-se no inverno (Giron & Herédia 2007).

Janaíne Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

Conforme De Boni & Costa (1982) o trigo foi introduzido pelos açorianos no século XVIII e passou por uma crise de exportação, sendo retomado e produzido pelos imigrantes italianos no início do século XX. As práticas envolvendo a produção deste alimento foi efetivada por algumas técnicas de plantio feitas pelos imigrantes italianos.

Relacionando a Microrregião Oeste do Vale do Taquari o cultivo do milho e trigo faziam-se presentes nas lavouras das famílias dos produtores rurais, as quais segundo Cavallin (2000), iniciaram-se após a limpeza do mato. O milho de fácil cultivo e rápida colheita possibilitava a polenta e o trigo alimentos como o pão e a massa. Corroborar-se com esta informação o relato do produtor descendente de italiano E2, município de Progresso, sobre os principais cultivos do início do século XX:

J – se vocês querem falar um pouquinho de como era, como funcionava na roça antigamente comparando com hoje o que que mudou? Como que era? Como que era o serviço? Que produtos vocês plantavam?

V – é a gente trabalhava tudo braçal né e era bastante difícil, que hoje com as modernidade, as evolução de certo é bem melhor assim, facilitou bastante. Claro que é bastante custos mas só que facilitou bastante né na verdade de hoje e antigamente. Tinha boi, carroça, cavalo e se plantava **milho, feijão, fumo, soja**, essas coisas.

I – **arroz, trigo** também... (E2 grifo nosso 30/07/15: 2).

No município de Pouso Novo o milho na década de 1920 era um produto frequente nas famílias italianas e observa-se sua permanência na produção de subsistência e economia até a atualidade. Entretanto, segundo relato do produtor rural E6 além do milho, é destacado também a soja.

B – e se plantava daí que tipo de coisas?

I – aqui se plantou muito sempre **milho** né. Milho o nosso trabalho maior era a plantação de **milho**. Depois criação de porco, suínos né, depois começo a planta, não larguemo do **milho** e nem do suínos né, só começemo a planta **soja** também, plantemo 40 ano **soja**, eu ajudei a planta 40 ano **soja**. Tudo a braço, corta com a foicinha e trilha com trilhadeira, sofremo muito, muito, muito, não tinha otra saída. O que que nois ia faze? Não tinha e o soja valia né, a gente se defendia né. Não se fez futuro, mas ninguém fez também. Aqui ninguém fez futuro, quem fez futuro? Não tinha outro jeito, mas nois tinha, se defendia né, se defendia, nois fazia colheitinhas boa, conseguimos sobreviver né (E6 grifo nosso 19/01/16: 2).

As atividades agrícolas como o milho e a soja, praticadas pelos imigrantes italianos e seus descendentes, passaram a ser produzidas em maior escala, conseqüentemente impactando no ambiente. Segundo Worster (1991, p. 199-200) a história ambiental procura “aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através do tempo, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”. Nas palavras deste autor, relaciona-se essa investigação da história ambiental à Microrregião, pois muitas mudanças e impactos, como o desmatamento, surgiram por estes imigrantes, pois não existiam leis e preocupações maiores com o meio ambiente.

Janaïne Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

Encontra-se na Microrregião Oeste a produção de milho, trigo e a soja e também de feijão. A respeito de como era plantado e valorizado estes produtos durante a década de 1940, o produtor rural E3 do município de Travesseiro informa o seguinte:

D – e essa técnica do feijão, como que era na roça?

B – eee, era. Nois plantava primeiro o milho bem longe de fileira, de um metro e meio mais e mais perto de pé, assim...ai nois plantava, fazia todo o rego de meio metro assim né, lavrava e depois então a gente plantava os outros carrero aquele de milho de milho mais perto, depois daí o **feijão cavalo** no caso, ai quando tava nascido o feijão, tava uma moitinha pequena assim daí tu ia dentro e plantava a soja. Ai a gente fazia três colheita, adubava bem a terra assim e colocava esterco de galinha da camara de aviário. Daí depois que fizemo aviário nois plantemo umas porção de ano feijão, deve se mais de 10 ano que paremo, não é mais negócio. Na época era mais negócio (E3 grifo nosso 13/11/15: 3).

O cultivo do feijão tinha um valor considerável para os descendentes italianos, pois além de produzido para a subsistência familiar, o excedente também era vendido para o comércio local da região. No município de Progresso, conforme o relato do produtor rural E5 é possível conhecer as espécies de feijão que eram cultivadas.

J – e feijão também?

A – feijão era tudo no cacete né?

J – se plantava mais de um tipo ou só um tipo de feijão?

A – plantava mais.

B – **dois, preto e moro.**

A – e **cavalo também, xofre.**

B – sim, ma depois que casemo sim.

A – é o meu pai lá plantava.

B – é teu plantava bastante, vocês eram em bastante.

A – nois não plantava fumo naquela época, daí plantava bastante feijão, nois era uma turma grande (E5 grifo nosso 03/11/15: 8).

A quantidade de filhos das famílias nas colônias italianas contribuía significamente para a mão de obra na produção agrícola. Segundo Giron & Herédia (2007), o número de pessoas em cada família, os casamentos onde as noras passavam a residir com os sogros, bem com a estruturação do trabalho no contexto das colônias possibilitar o desenvolvimento econômico nas áreas de colonização italiana.

Na Microrregião Oeste do Vale do Taquari, a situação não é diferente porque as famílias dos imigrantes italianos e seus descendentes também eram numerosas e contribuíram para a produção agrícola. A maioria dos entrevistados possuem famílias que eram compostas de sete a quinze irmãos, os quais trabalhavam na agricultura, muitos dos quais conforme observamos, continuam até a atualidade (Diários de campo 23/03, 30/04, 19 e 26/05, 02, 13, 15 e 26/06 de 2015).

Outra atividade que se pratica é a viticultura. A uva foi um produto de cultivo permanente, principalmente com a implantação das vinhas, que além de ser uma fruta para fins domésticos também passou a adquirir um caráter econômico. A primeira uva a ser introduzida pelos imigrantes italianos foi

a “isabel”³, do contato com os imigrantes alemães localizados na região do Caí. Conforme Giron & Herédia (2007), a produção do vinho iniciou-se com a indústria doméstica desenvolvida nas cantinas, onde o processo era feito manualmente e o esmagamento da uva com os pés e posto em barris para fermentar.

A plantação da uva e a fabricação do vinho constituíram uma atividade da zona de imigração italiana. Já em 1884, o progresso do desenvolvimento da produção de uva nas colônias italianas chegava a quase três mil litros. Vale salientar que quando os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul já havia canais de comercialização para os vinhos, pois isto já fora iniciado pelos imigrantes alemães, chegados na Província desde 1824 (Pesavento 1983).

A produção de vinho teve destaque na economia do Rio Grande do Sul, portanto responsável pelo surgimento de muitas vinícolas, principalmente na serra gaúcha. O processo de modernização para a produção de vinho também proporcionou maiores condições financeiras. As grandes cantinas assumiram proporções por investimentos feitos em maquinários. As pequenas cantinas transformaram-se em empresas manufatureiras (Giron & Herédia 2007).

A partir da década de 1920, parte da colônia italiana especializou-se na produção do vinho que teve boa aceitação no mercado regional e nacional. A especialização na produção e comercialização do vinho foi uma solução encontrada para superar as condições desiguais da economia. Santos (1996) informa que o vinho de início era produzido pelos colonos artesanalmente e fabricado na cantina situada embaixo da casa de sua moradia. No início do século XX o vinho já era levado pelos comerciantes para Porto Alegre e São Paulo. Nos primeiros anos do século XX a indústria do vinho ampliou-se e tornou-se um mercado importante para o Rio Grande do Sul.

Relacionado ao Vale do Taquari, segundo Barden et al. (2002), durante as décadas de 1920, 1930 e 1940 a produção de uvas era uma atividade secundária. Na década de 1920 a uva atingia 3,20% de toda produção da região. Já no final da década de 1930, a produção de uvas cresceu quase cem por cento com 6,30 %, mas essa condição não foi suficiente para neutralizar a tendência recessiva da lavoura no estado gaúcho, que sofreu com o fim da conjuntura favorável do mercado e com o esgotamento das terras disponíveis para a agricultura.

³ A uva Isabel é uma das principais cultivares de *Vitis labrusca*, espécie originária do Sul dos Estados Unidos e de onde foi difundida para outras regiões. Na década de 1850 despertou interesse dos viticultores europeus, devido à resistência ao oídio, doença que naquela época causava enorme prejuízo à viticultura mundial. Foi introduzida no Rio Grande do Sul entre 1839 e 1842 e também cultivada pelos imigrantes italianos da Serra Gaúcha (Rizzon 2000 et. al).

Janaïne Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

Os entrevistados descendentes de imigrantes italianos da Microrregião Oeste relataram sobre a produção de uvas em seus territórios. No município de Travesseiro o interlocutor descendente de italiano E7 destaca que a produção de uvas era intensa e fazia parte do cotidiano de sua família.

A1 – o meu nono Gonzatti, então eles moravam aqui quando faltava alguma coisa me mandava lá em cima pega, eu era um gurizotinho. Chegava lá ele fazia: “Nino, Nino vem vem”, ele me chamava lá no porão aí ele ia nas pipa de vinho (bate na mesa como se fosse na pipa), batia onde tinha vinho dentro, em qualé que tinha vinho dentro. Pegava o copo e pegava a cadeira e sentava lá e me perguntava de tudo o que acontecia aqui em casa, tudo, tudo, tudo. Ele sentava lá e aqui, me dava um copo de vinho.

J – se produzia muito vinho?

A1 – sim, produzia bastante, bastante. Tinha uma cantina lá tá louco muito vinho (E7 05/02/16: 22).

Já o produtor rural E4, município de Marques de Souza, informa que além do vinho utilizavam a uva para fazer a graspa, uma bebida originada da casca da uva. Sobre isto tem-se:

J – Sim. É, eu me lembro assim, falando ainda de um tempo mais antigo, que o meu avô tinha um pareral bem grande aqui, né, aí fazia vinho, e junto com a cachaça fazia uma graspa, que ela é feita da, do bagaço da uva. Tu colhe a uva, faz o vinho e daquele bagaço ali, tu deixa fermentar aquele troço e faz a graspa que é um...

D - ...um santo remédio!

M – É mais forte que a cachaça. (risos)

J – Aquilo também era uma coisa que tinha muita saída, a tal da graspa (E4 11/10/13: 13).

Segundo Battistel e Costa (1983), quando se fazia o vinho, esmagava-se a uva e a deixava fermentar. Após, se tirava-se a parte líquida e o bagaço originado da casca da uva era fervido no alambique que origina a graspa⁴. O processo de produção de uma quota corresponde a uma medida de vinte litros, acrescentada com três latas de bagaço e seis litros de água, o qual é deixando ferver por uma hora ou uma hora e meia, que após coa-se. A graspa por muito tempo foi consumida pelos imigrantes italianos com café preto, principalmente quando era muito frio e bebida em pequena quantidade antes do almoço para abrir o apetite.

Situação semelhante também pode-se observar no município de Progresso, onde a produção de uvas se fazia presente e o vinho era uma bebida utilizada nas festas e encontros familiares. O produtor rural E5, relata o seguinte:

J – daí tomava?

B – só vinho! Era vinho e cachaça.

J – daí eles faziam festa...

B – daí sexta de noite passava a noite cantando e bebendo e fazendo...

A – é as bebida que tinha era vinho, Pepsi essas coisa não tinha.

B – daí no sábado... não existia e não podia compra.

⁴ A graspa é originada dos bagaços da uva cozidas no alambique. O vapor entra pela tampa do panelão, passa pela serpentina, que é um cano de cobre em espiral mergulhado numa dorna com água, onde o vapor esfria e se transforma em líquido, que é recolhido e destilado uma segunda vez. Este líquido é a graspa que fica com a graduação de 18 e 22 graus alcoólicos (Battistel 2013).

Janaíne Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

A – é 51 anos e pouco atrás...

J – é outros tempos. Bem diferente.

B – e era tudo feito em casa, nada era comprado (E5 03/11/16: 17).

Por meio dos relatos dos produtores rurais descendentes de imigrantes italianos da Microrregião Oeste, observa-se que práticas envolvendo técnicas do passado ou reatualizadas por inovações, no que se refere a cultivos de gêneros como milho, trigo, feijão, uva e soja dão-se no mesmo ambiente ocupado por seus antepassados desde o início do século XX. Conforme dados levantados em arquivos, vale salientar que alguns destes produtos foram os primeiro cultivados pelos imigrantes italianos e seus descendentes, os quais inicialmente proporcionaram a subsistência e, posteriormente foram introduzidos no mercado interno da economia regional.

Essa conexão entre cultura e natureza é entendida neste trabalho pela relação das atividades agrícolas que foram sendo desenvolvidas pelos imigrantes italianos. As práticas de um grupo étnico são determinadas por ações humanas constituídas em um ambiente, pois:

Cultura é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua, e ao termo que é por vezes considerado seu oposto – “natureza” – é comumente conferida a honra de ser o mais complexo de todos. No entanto, embora esteja atualmente em moda considerar a natureza como um derivado da cultura, o conceito de cultura, etimologicamente falando, é um conceito derivado do de natureza (Eagleton 2005, p. 9).

Portanto, as práticas agrícolas empreendidas por eles na Microrregião Oeste com continuidades e atualizações estão relacionadas com experiências dos seus antepassados chegados no Rio Grande do Sul e Vale do Taquari, onde o desmatamento e domesticação da natureza tinha significados relevantes para o imaginário da época, ainda não está esquecido.

Nas primeiras colônias o sistema agrícola adotado foi o de rotação de terras para o cultivo do milho quando o solo se encontrasse infértil. Ou seja, deixava-se descansar a área explorada por um período de até dois anos para que novamente capoeira crescesse. Mas depois se retornava ao primeiro terreno e derrubava a capoeira, queimava e sob as cinzas novamente se depositava a semente do milho (Manfroi 2001).

Nos municípios que compõem a Microrregião Oeste do Vale do Taquari os imigrantes italianos e seus descendentes também realizavam rotação de terras. No relato colhido em entrevista de produtor descendente de imigrante italiano do município de Pouso Novo sobre seus antepassados na década de 1930, tem-se a seguinte informação:

J- E quando vocês chegaram, lembram da infância...tinha bastante mato?

A - Sim, aqui era tudo mato virgem.

J – tudo mato?

A – sim, eu derrubei tudo a machado!

Janaíne Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

G – mas derrubava assim, cultivava, pra não deperdiçá...daí alguns cantos de terra deixava ela **descansar uns três** anos né, pra daí depois retornar a usar ela né, porque não tinha como colocar na terra, não tinha adubo!

A – não tinha adubo, ureia, dizia esterco de galinha.

G – os insumos né.

A - alguns colocavam quando plantavam alfafa, me lembro do falecido [...] Pretto, ele vinha buscar onde tinha chiqueiro de porco, que sabia que tinha esterco ele vinha buscar, porque ele tinha uma criação de porco e fez um alfafa e a alfafa precisa de muito esterco (E1 grifo nosso 10/08/15: 3-4).

Outro relato de produtor rural descendente de imigrante italiano que vive no município de Progresso contribui com informações envolvendo rotação de terras e derrubada e queima da mata.

J – e aquele sistema de deixar a terra descansar, vocês lembram se os pais de vocês faziam? Ou se utilizava a terra o ano todo pra plantar? Deixava descansar ou se usava sempre?

I - haa quando não plantava milho, plantava um pouco de pasto e ia.

V – a gente também trocava bastante. Fazia um pedaço de roça nova e daí deixava pra trás aquele outro pedaço pra se criar e daí depois derrubava aquele e deixava aquele. Fazia o **rodízio assim** pra...

I – porque não tinha o adubo né também, daí tinha que...

J – não tinha o veneno né também...

V – não tinha veneno, nem força, nem adubo...hoje tem, a gente tem qualquer terra velha a gente ta sabendo que vai colher, só que aquele investimento alto né, uma vez não tinha isso ali. A gente se sentia bem o ano que derrubava um pedaço, que fazia um pedaço de roça nova ai produzia bem. Mas se tu não fazia isso, de fazer um pedaço de roça nova todo ano o a cara ficava meio patinando ou até de repente indo pra trás, colhia pouco (E2 grifo nosso, 30/07/15:7-8).

Conforme esta narrativa, o produtor rural descendente de italiano do município de Progresso menciona o uso de “venenos”, ou então agrotóxicos. Torna-se relevante estudar as transformações do ambiente ocasionadas pelos imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste, pois corroborando aos estudos de Pádua (2010, p. 84) “é fundamental entender a emergência de uma preocupação com os riscos da ação humana. A própria ideia de colapso, de destruição do futuro, começa a aparecer nesse contexto”.

Sobre a chegada do veneno nas propriedades da Microrregião Oeste do Vale do Taquari, o produtor rural E7 destaca:

J – vocês lembram mais ou menos quando chegou o veneno? Hoje vocês utilizam na propriedade ou não?

A1 – muito pouco, muito pouco. Eu de vez em quando aqui em roda eu passo uma maquinada de veneno, ma todo mundo usa isso não tem como dizer que não né, todo mundo usa veneno.

A – e chegou há mais ou menos quantos anos? O senhor se lembra que começo a se utiliza aqui?

G – nós, nas nossas terras nós nunca tinha usado veneno.

A1 – mas quando vocês tavam aqui não, mas depois sim...

G – mas na nossa época não...

C – é uns 20 e poucos anos.

A1 – é mais, é mais. É uns 30 ano que começaram com os venenos aqui em volta (E7 05/02/16: 16).

Os agrotóxicos que foram introduzidos a partir de 1970 tinham como objetivo reduzir o trabalho no combate às pragas e favorecer a qualidade dos alimentos (Souza et al. 2011). A aplicação de agrotóxicos no ambiente agrícola acarreta perturbações e alterações no ecossistema, por meio da pressão que envolve a seleção nos organismos e pela mudança na dinâmica bioquímica natural. Os riscos ambientais decorrentes do uso dos agrotóxicos estão direcionados à contaminação da água superficial e subterrânea, à propagação do solo e contaminação da flora e fauna (Spadotto et al. 2004).

Com a propagação dos agrotóxicos no Vale do Taquari, as propriedades da Microrregião Oeste também passaram a utilizá-lo em suas plantações. Conforme o relato do produtor rural descendente de italiano no município de Marques de Souza E4, atualmente o agrotóxico é uma atividade frequente na região em que vive.

D – Hoje tu não produziria sem agrotóxico, dá pra dizer. Porque, se tu for ver hoje, trabalha com plantio direto no morro pra tu tentar evitar a erosão. Então como é que tu faria um plantio direto sem dessecar o inço ou a cobertura que tu tem? E depois tem a questão do controle de daninhas. Hoje tu não tem mão de obra pra capinar uma lavoura inteira, então tem essa questão. O que eu vejo assim que é o problema maior hoje é a dupla ação. A gente sabe de vizinhos, “ah não, eles mandam botar 100ml. Vou botar 300ml, ou 200ml”. Entendeu? (E4 11/10/13: 39).

Sendo assim, os agrotóxicos passaram a serem utilizados nas atividades agrícolas em propriedades dos imigrantes e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari. Conforme os dados dos produtores, os agrotóxicos são considerados “importantes” para melhor conseguir desenvolver seus produtos e conseqüentemente diminuir os estragos feitos por algumas pragas. Outro aspecto levantado é que a utilização de agrotóxicos ocorre devido à escassez de mão de obra existente nos municípios pesquisados para os serviços de roça. Contudo, grosso modo, acenaram terem conhecimento de que o uso excessivo de agrotóxico pode prejudicar a água, o solo e as pessoas que o utilizavam.

O esgotamento, dejetos e a preocupação com a infertilidade da terra estão relacionados ao uso intenso da ação humana e seus impactos no meio ambiente. A utilização dos elementos naturais com o passar dos anos possibilitou aumentar a destruição do solo, árvores e água, causados pelas atividades do homem. Desta forma, os imigrantes italianos e seus descendentes procuraram alternativas para não prejudicar intensamente o ambiente e continuar com as produções agrícolas.

Os produtores rurais e seus descendentes da Microrregião Oeste inicialmente produziam para a subsistência e vinculados ao sistema capitalista continuaram com suas práticas agrícolas. Por ora, suas produções foram adaptadas pela introdução de tecnologias, como os maquinários e os utensílios, o que facilitou seguir e expandir muitos produtos, tais como o milho, o feijão, a soja e o trigo.

Considerando Holzer (1997, p.81), nas relações homem e ambiente temos que o primeiro “[...] incorpora ao suporte físico os traços que o trabalho humano, que o homem como agente e não como mero espectador, imprime aos sítios onde vive”. Portanto, considerando as relações dos imigrantes italianos e seus descendentes com o ambiente da Microrregião Oeste do Vale do Taquari, as quais foram dinamizadas e permeadas por práticas culturais que envolveu o desmatamento sem uma maior preocupação para o cultivo de produtos agrícolas como, por exemplo, o milho, trigo, feijão e uva e também a criação de animais como é o caso da criação do gado, de porcos e galinhas no decorrer do processo histórico acarretou significativos impactos ambientais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os imigrantes italianos e seus descendentes incorporados ao sistema capitalista continuaram a desenvolver suas atividades e passaram a adaptar-se frente às tecnologias suas atividades agrícolas, como a produção de cultivos como o milho e feijão.

No Vale do Taquari durante o início do século XX até a atualidade o produto que toma destaque por intermédio dos relatos dos produtores rurais da Microrregião Oeste é o milho, o qual tem finalidade na alimentação de animais como o gado, porcos e galinhas. Outros gêneros também foram produzidos em menor escala, como a uva e o feijão. Já o trigo e a soja, faziam parte do cotidiano das famílias no decorrer do século XX, mas na atualidade não são mais plantados ativamente como no passado.

As atividades agrícolas realizadas pelos imigrantes italianos e seus descendentes tanto no passado como na atualidade, impactaram o ambiente como o desmatamento, queimadas, uso intenso do solo e a introdução de agrotóxicos. Constatou-se que na Microrregião em estudo era vigente o uso de rotação de terra na propriedade, pois por ora desmatavam ora faziam o “descanso” da mesma. Na soma das atividades agrícolas, a terra também possui valor utilitarista já que muitas de suas práticas continuam voltadas para a economia, o que fortalece a permanência familiar em áreas rurais.

Portanto, não se pode separar homem e ambiente, pois o indivíduo faz parte do meio que está inserido e é neste que projeta e vivencia suas práticas culturais. Tratando-se dos imigrantes italianos chegados ao Rio Grande do Sul e Vale do Taquari, o ambiente composto pela biodiversidade de plantas e animais incidiu sobre o homem, mas como visto este também o impactou. Do final do século XIX até o século XXI as relações e ações do homem com o ambiente em áreas da Microrregião Oeste do Vale do Taquari originou uma paisagem colonial, composta pela construção de cidades, áreas de

cultivos, de criação de animais e áreas florestais para fins econômicos, onde o imaginário do homem domesticando a natureza ainda não desapareceu.

REFERÊNCIAS

Ahlert L, Gedoz ST 2001. Povoamento e desenvolvimento econômico na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul – 1822 a 1930. *Estudo & Debate* 8(1): 49-91.

Arquivo Histórico de Lajeado 1911. *Mapa de alguns productos coloniaes exportados pelos principais portos do município*: Lajeado, S. Gabriel, Arroio do Meio e Encantado. Relatório Apresentado pelo intendente João Baptista de Mello: Conselho Municipal – 1911. p. 36.

Barden J et al. 2002. A Economia do Rio Grande do Sul no período entre 1920 e 1940: uma análise da região do vale do Taquari. *Estudo & Debate* 8(2):7-55.

Battistel AI 2003. *Retratos Da Colônia*. Caxias do Sul. (Ministério da Cultura – Lei de Incentivo à Cultura).

Battistel AI, Costa R 1982. *Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias*. Porto Alegre: EST, Caxias do Sul: EDUCS.

Battistel AI, Costa R 1983. *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. Porto Alegre: EST, Caxias do Sul: EDUC.

Beroldt L et al. 2007. Evolução e diferenciação da agricultura no Vale do Taquari: um estudo comparado de dois sistemas agrários. In Menasche R (org.), *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*, UFRGS, Porto Alegre, p. 11-42.

Bublitz J 2004. A Eco-História da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. *Revista Métis* 3(6): 179-200.

Cavallin JIZ 2000. *Progresso: uma caminhada no tempo*. Progresso.

Cheung TL 2013. Desenvolvimento da agricultura familiar: investigação sobre o espaço rural e o território como referência para estudar o caso do município de Terenos, MG. *Interações* 14(2): 189-195.

Coimbra JÁA 2002. *O outro lado do meio ambiente: uma incursão humanista na questão ambiental*. Millennium, Campinas.

Costa R 1986. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul*. EDUCS, Caxias do Sul.

De Boni LA, Costa R 1982. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, Caxias do Sul: EducS, Editora Vozes Ltda.

Diário de campo de 02 de junho de 2015. *Visita a descendente imigrante de italiano*. Bela Vista do Fão – Marquez de Souza. Univates, Lajeado: 3 pp.

Diário de campo de 13 de junho de 2015. *Visita a descendente imigrante de italiano*. Linha Santo Antônio – Progresso. Univates, Lajeado: 4 pp.

Janaíne Trombini; Luís Fernando da Silva Laroque

Diário de campo de 15 de junho de 2015. *Visita a descendente imigrante de italiano*. Forqueta – Pouso Novo. Univates, Lajeado: 3 pp.

Diário de campo de 19 de maio de 2015. *Visita a descendente imigrante de italiano*. Alto Tamanduá – Marquez de Souza. Univates, Lajeado: 4 pp.

Diário de campo de 23 de março de 2015. *Visita a descendente imigrante de italiano*. Forqueta, Pouso Novo. Univates, Lajeado: 3 pp.

Diário de campo de 26 de junho de 2015. *Visita a descendente imigrante de italiano*. Três Saltos Alto - Travesseiro. Univates, Lajeado: 3 pp.

Diário de campo de 26 de maio de 2015. *Visita a descendente imigrante de italiano*. Três Salto Médio - Travesseiro. Univates, Lajeado: 3 pp.

Diário de campo de 30 de abril de 2015. *Visita a descendente imigrante de italiano*. Interior de Progresso. Univates, Lajeado: 3 pp.

E1 - Entrevistado 1: depoimento [10 ago. 2015]. Entrevistador: Equipe do projeto. Vale do Taquari /RS: s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. *Projeto de Pesquisa Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari*. Univates, Lajeado.

E2 - Entrevistado 2: depoimento [30 jul. 2015]. Entrevistador: Equipe do projeto. Vale do Taquari /RS: s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. *Projeto de Pesquisa Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari*. Univates, Lajeado.

E3 - Entrevistado 3: depoimento [10 nov. 2015]. Entrevistador: Equipe do projeto. Vale do Taquari /RS: s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. *Projeto de Pesquisa Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari*. Univates, Lajeado.

E4 - Entrevistado 4: depoimento [11 out. 2013]. Entrevistador: Equipe do projeto. Vale do Taquari /RS: s.e., 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. *Projeto de Pesquisa Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari*. Univates, Lajeado.

E5 - Entrevistado 5: depoimento [03 nov. 2015]. Entrevistador: Equipe do projeto. Vale do Taquari /RS: s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. *Projeto de Pesquisa Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari*. Univates, Lajeado.

E6 - Entrevistado 6: depoimento [19 jan. 2016]. Entrevistador: Equipe do projeto. Vale do Taquari /RS: s.e., 2016. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. *Projeto de Pesquisa Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari*. Univates, Lajeado.

E7 - Entrevistado 7: depoimento [05 fev. 2016]. Entrevistador: Equipe do projeto. Vale do Taquari /RS: s.e., 2016. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Equipe do Projeto. *Projeto de Pesquisa Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari*. Univates, Lajeado.

Eagleton T 2005. *A ideia de Cultura*. Editora Unesp, São Paulo.

Giron LS, Herédia V 2007. *História da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. EST Edições, Porto Alegre.

- Holzer W 1997. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. *Território II*(3).
- Iica 2002. *Desenvolvimento rural e agricultura familiar*. Documento Síntese do Seminário Internacional. Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, São Luís.
- Lakatos EM, Marconi MA 1996. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. Atlas, São Paulo.
- Manfroi O 2001. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. EST, Porto Alegre.
- Pádua JA 2010. *As bases teóricas da história ambiental*. Estudos avançados. 24(68): 81-101.
- Pesavento S 1983. RS: Agropecuária colonial e industrialização. Mercado Aberto, Porto Alegre.
- Registro de imóveis. Transcrição de Imoveis nº 3, ano 1894. *Quatro colônias de terras*, nº 530 de 24 de março de 1898, p. 119.
- Rizzon LA, Miele A, Meneguzzo J 2000. Avaliação da uva cv. Isabel para a elaboração de vinho tinto. *Ciência Tecnológica Alimentícia* 20(1): 115-121.
- Santos, JVT 1996. Cantineiros e colonos: a indústria de vinho no Rio Grande do Sul. In Dacanal JH, Gonzaga S (Orgs.), RS: imigração e colonização. Mercado Aberto, Porto Alegre.
- Souza A et al 2011. Avaliação do impacto da exposição a agrotóxicos sobre a saúde de população rural. Vale do Taquari (RS, Brasil). *Ciência e Saúde Coletiva* 16(8): 3519-3528.
- Spadotto CA et al 2004. *Monitoramento do risco ambiental de agrotóxicos: princípios e recomendações*. Embrapa Meio Ambiente, Jaguariúna.
- Thompson P 1992. *A voz do passado*, Paz e Terra, São Paulo.
- Trombini J 2007. *Imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari: história ambiental e práticas culturais*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, pp.229.
- Trombini J, Kreutz M 2015. *Mapa com a localização das Microrregiões do Vale do Taquari*. Adaptação a partir do mapa do acervo do Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari. Univates, Lajeado.
- Worster D 1991. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos* 4(8): 198-215.

Livestock and Farming Activities of the Italian Immigrants and their Descendants in the Western Vale do Taquari Microregion, State of Rio Grande do Sul, Brazil

ABSTRACT:

The Italian immigrants who arrived from the last decades of the nineteenth century in Rio Grande do Sul settled down on the upper slope of the plateau, more precisely between the valleys of Caí and Antas Rivers, and worked with agricultural activities. After this occupation they advanced on new lands and from the end of the 1880s, they reached areas that later came to be called Taquari Valley. The aim of this study is to analyze the agricultural activities of Italian immigrants and their descendants in the West Microregion of the Taquari Valley and the relations with the environment. The methodology of the research is qualitative and the methodological procedures consist of bibliographical and documentary research, field research with the preparation of diaries and interviews with the Italian descendants. It was found that the practices involving agricultural activities, such as corn, wheat, grapes, beans and the raising of animals such as cattle, pigs and chickens in areas of the West Microregion, by Italian immigrants and their descendants had significant environmental impacts.

Keywords: Livestock and Farming Activities; Italian Descendants; Vale do Taquari.

Submissão: 26/09/2017

Aceite: 18/12/2017